Cristóvão de Aguiar: de como a obra poética e a obra em prosa se iluminam mutuamente

Face à reedição dos dois primeiros volumes da Obra Completa de Cristóvão de Aguiar, a saber, a trilogia Raiz Comovida (A Semente e a Selva; Vindima de Fogo; O Fruto e o Sonho) e Amor Ilhéu, Prosas poéticas, sonetos e outros poemas, não parece despiciendo tentar responder a uma questão que poderá, naturalmente, aflorar ao espírito do leitor ou do não leitor (sob o ponto de vista de Pierre Bayard): De como a obra poética e a obra em prosa se iluminam mutuamente.

Atentando no percurso literário do Escritor açoriano, agora homenageado, fácil se torna detetar que ele se inicia com o livrinho de poemas Mitos Vazias (estrela usual dos 'neófitos' ilhéus...), logo seguido pelo fervor da diariística, revezada, de modo intermitente, pelo culto da autofiliação e desaguar, como que fechando o círculo, no poema em prosa e demais formas poéticas (fixas e não).
Invenção ou reinvenção de eu no decurso da anamnese, a autodigrafia, aparentando para a derrotação das fronteiras entre a arte e a vida (humanizando a primeira, estetizando a segunda), tende a delirar, o gesto pelo confessionaismo (algum superado em termos venais), a extroversão gratuita do imo (repositoriário de casos intensos passíveis de alquimia literal), e a diástase entre o exterior e o interior, motivada por emergentes vetores sócio-político-ideológica. Admat, Narciso deixa-se de mirar ao espelho, surpreendendo pela imagem deformada com que a água, outra cristalina e doravante turbulenta, o começou a brindar.

Ao transitar da obra diarística (Relação de Bordo e Nova Relação de Bordo) e romanescas (Rui Comovida) para a obra em verso, também o sujeito escreve, já fragmentado, se estilhaçando, abolição da história encadeada (de causa a efeito), convertida em narrativa linear, para ir destilando, aqui e ali, biografias pontuais e traumas passageiros, que o tempo foi cristalizando e que a memória persiste em aviar.

Assim sendo, parece não ser ilícito referir-se, na dupla vertente (em verso e em prosa) da obra superacrefiada, o enraizamento da autodigrafia onomástica, biográfica, especulativa e intrusiva ou autorral (adootando a tautologia de Vincent Colonna), ponto que como afirmou Bachelard, “Escrever é esconder.”

Revisitar os três romances de Rui Comovida, verifica-se que o dueto Cidêrico/Narcano - cada qual du- lisâ um do outro e ambos duplicando o seu criador duplex, irmãos gêmeos sem, no fundo, o serem, mer- tades simbólicas de um sujeito em crise - é subsu- mida, em Amor Ibhê, na confissão do eu dividido, no reconhecimento da inevitável dualidade e na ra- tificação das contradições delas procedentes: “Toda a minha rata/Nausée de eu ter permanecido/Divi- dido/Quando minha mãe me pariu.” (“Raios”). Que interesses, almas, a irridação nas Cartas do nome próprio Cristóvão se, pela via do ficcional epiológi- fo imposts, o ele de se confundir com qual- quer outro ser epônimo, insuspeitável de remeter pa- ra o Autor?

“Cristóvão de Aguiar, para te servir e anmar como se a mesma.” (“Carta Quinta”).

Por seu turno, o tríptico ficcional Padre/Pai/Profes- sor, infundindo pânico (Rui Comovida e Catarse) ao longo da pudicidade, adolescência e Juventude de um narrador vulnerável, é abstratamente coagule- do no coalescente Medo, que “assenta armadilhas/Na- cidade estinguida” (“O Medo”) e que rói “as oculitas co- mo traca” (“Ouve-me desabafar”). O sujeito lirico rec- ebeo de ter medo do meu medo. Quant o Família de ficção, cuja genealogia surge vasta, rigorosa e recorrentemente tratadas nos textos romaneacors (corroborando, sem margem para dúvida, a imagina- nção nominal do Escritor), ela reduz-se, na poesia, a esse “navio de fantasmas reais” (“Reensaculação dos Mortos”), do qual assomam, em breves pinceladas, o avô tanoeste e o pai semantaho (ilho somente designado pelo oéico a fim de fazê-rem ressaltar esse es- tado lugar comum que reside na inanidade da vo- cação e da prática poética), bem como uma tia ido- sa, que parece replicar a canhota Iha Sevierana ou a Sevieraninha canhota do romance intitulado Mar- tha, e, por fim, a memória purgante da Mãe.

“Meu avô era tanoeste...” (“Meu pai serralheiro/Por- fales e relha/Machados e picaretas/Só eu pou- co ou nada fiz/Alpes versos e tretas.” (“Promes- sa”)).

“Já renaste, rica canta/Perguntava uma velha tia/De- zi que já acabara/E tinha a alma em dia/” (“Fala de Mário”).

“Já não vou encontrar minha Mãe esperando-me...” (“Jho decorria a data do seu aniversário, Mário.” (“Memó- ria de minha Mãe”).

Mas é, sobretudo, a Ilha, surgindo “com masculí- fica” e como “entidade mítica” em a Tabuada do Tempo. A lenta narrativa dos dias, que flemente preserva de seu protagonismo no imaginário místico do macrocosmo poético. Tanto a declaração de amor - “Amo- te tanto, Iha mishir” - como a invocação a “Iha mu- lher” que perpassam em “Línguas de Fog” de Tânia- fega são paroxínestas na abertura de Amor Ibhê, “Sete fungos em mim lavravam”, no texto “Iha Mu- lher” e no poema em prosa “Mulher Ilha”, sendo de- nacer, como mencionar, variante dilaciudativa, o quiasmo valorativo que da feminilidade do espaço insular, que da insularidade da silhueta feminina. A par da Ilha geográfica, onológica e textual - “Sua um Iha Cercada de palavras.” (“Ilha de Palavras”) - aguti- nada em Martha e resuscitada pela palavra em Bra- ço tatuado. Relatos de guerra colonial, também a viagem, exterior e interior; real e alegórica, mais ré- tilena do que circular (na terminologia de Cláudio Magrê), confronta o leitor mais com o desejo de par- tir de que chegar - “Ferto sempre. Chega nunca mais me foda.” (“Palavras, só bom agasalho”) - refor- çando o semutantamente de horno viver que de- têm o Poeta. “Vou a caminho...” - confessa. Esta se- quência, torna-se observo o sabor agridoce da estação de caminho de terras, do têiva e do aerotipo (esses não lugares da modernidade, na perspectiva de Marc Augé), configurando (passe o oceano), uma perma- nência em movimento, indicadora do encalhame não nomadismo sem rota, presente na novela Passagem em trânsito, esse “belo livro cheio de min e da Ilha”. E ao endossar Eu e Ela, Homem e Ilha, firmada. “O mundo Insolde, parece dispersar, em Amor Ibhê, quer a aparição em cola da figura do luso-americano, quer a conceção da América como destino de eleição, porquê se já crústia a périmetro íntimo (viagem se não viajar para...) e ao seguinte monó- logo, fazê diálogo, expressivamente grafado em itá- lico “Cumpre-se a vida uma salmo de sol e num verso de vento. Oco- lhes a sinfonia e tento solifó Âui- do (do rosário do rechoado)...”

“Trauteada” à sombra dos Mentores - Vitorino Ne- méscio (evocado na “Carta Quinta”) e a Natália Cor- reia dos Sonetos Românticos (revisitada na “Segun- da Carta”) - sob o signo dos Amigos e dos Mestres - Migue Tangas (ao qual dedicava O Lavrador das Letras Um percurso partilhado), Paulo Quintela (que relembra em Paulo Quintela à Misa de Tertulia) e Mede- ros Ferreira (a quem consagrou O coração da Memó- ria. Na Festa da Amizade) - e na peugada dos Precur- sores - atente-se nalguns ecos de Roberto de Mes- quita em “Alma doente”, de Gomes Leal em “O Vi- sinhento” e do Guerra Junqueiro de Os Simples em “Naufácras” e demais poemas de gosto popular con- ducentes ao cântico poética - este “solfeito” do novo Cristóvão Colombo, seu homônimo “Navegador do mar das ilhas”, resulta inequívocamente de um tra- balho aparacido da forma, de um labor incessante da linguagem, de um duelo continuado com as palavras - “Sofre e luta o poeta...” (“E sangra/A caminhar/Por entre os abrolhos/Das palavras” “O Soffrimento do Poeta”) - de uma reflexão ininterrupta sobre o discurso linguístico, primando pela riqueza original (inédita e primordial), que singularizam a escrita de Cristóvão de Aguiar, menos a escrita da aventura in- sular do que a aventura solitária da escrita.

Prova flagrante desta atenção incessante que con- cede à palavra (sultante-se a sua tradução de A Riqueza das!!!!!!!!!!!

“... As vogais...”

“E consorcia...”

“Não chegam para construir...”

“Uma sábia de pé...”

“Gramática...”

“Complicada...”

“Familia...”

O que falta, verdade seja dita, à árida Gramática (aparentada com a “gramática de sobreviver” e com a “gramática de existir”), mas, também, o que a completa, é o Verbo iluminado no fórum/fórum interior ins- cindido pela solidão: “Agora do verbo não tem luzes de ribalta. A iluminação nas próprias entranhas. Se for limpo e genuíno. O verbo”. O que lhe falta é, igualmente, o retorno à origem, ao princípio da criação e à palavra inicial, propiciado pela simbóli- ca dos quatro elementos pelo “principio iniciático da água” (“Ocu se respirar ao longe”), pelas ru- pradoras do fogo - “Escravo com os restos de fume que usapio a vida...” (“Embebede-me de você”) - pel- la metamorfose do voo e metempsíquia da queda - “Atun- dem-me!” (“Prometo, salvar-me do abismo”) (“O Ami- mo anesteto”) - e pela terra insulana, fundida com o cosmos, símbolo de desejo, regeneração e fecundi- dade: “Plantei a Ilha esperada e trazida na planície da memória.” (“Mulher Ilha”).

É, por fim, este Verbo epifânico que, pela via da memória (sensitiva, afetiva e imaginativa) e da imagina- ção (crene dos facultas), duas fa- culdades cruciais, quando criadores, ilumina a obra poética, que destarte responde luminosamente em eco à obra em prosa de Cristóvão de Aguiar.